

## VIOLÊNCIA ESCOLAR: CONCEPÇÕES E AÇÕES DO COORDENADOR PEDAGÓGICO

Laêda Bezerra Machado<sup>1</sup>  
Daniele Farias de Carvalho<sup>2</sup>

---

### Resumo

Este artigo identifica as concepções de violência escolar entre coordenadores pedagógicos e caracteriza suas ações para o enfrentamento do fenômeno no interior da escola. Aplicamos questionários a dez coordenadoras pedagógicas de escolas municipais de Recife-PE. As respostas revelaram que, para elas, a violência se caracteriza como de ordem física, moral, verbal, compromete as relações e a integridade dos alunos é decorrente da ausência da família tanto no que diz respeito às questões domésticas e escolares; dessa forma, as coordenadoras se disseram impotentes para lidar com algumas situações, pois não têm contado com o apoio familiar. Os resultados reiteram o papel da escola como um campo diversificado, sendo os alunos apenas atores desse complexo sistema, não “os culpados”. Consideramos, a partir das práticas descritas, que é possível tornar a escola um ambiente protetor, através da sensibilização das famílias e da comunidade escolar em relação ao problema da violência.

**Palavras-chave:** Violência Escolar; Coordenador Pedagógico; Concepções, Ações

---

### 1 INTRODUÇÃO

Sem dúvida a violência constitui hoje uma das grandes preocupações da sociedade. No âmbito da escola, estampam-se cada vez mais nos jornais notícias<sup>3</sup> sobre casos

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação. Professora Associado do Departamento de Administração Escolar e Planejamento Educacional, Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação - Núcleo de Formação de Professores e Prática Pedagógica, UFPE. Bolsista do CNPq. Endereço: Av. Acadêmico Helio Ramos, S/N, Cidade Universitária 50740-530, Recife, PE, Brasil. E-mail: [laeda01@gmail.com](mailto:laeda01@gmail.com)

<sup>2</sup> Especialista em Gestão e Coordenação Pedagógica. Colaborou com a coleta de dados para a pesquisa. Endereço para correspondência: Rua Rio Pajeú n 502 apt 302 Bloco B-8 Ibura- Recife – PE, Brasil – Email: [dany.fc.19@gmail.com](mailto:dany.fc.19@gmail.com)

VIOLÊNCIA ESCOLAR: CONCEPÇÕES E AÇÕES DO COORDENADOR PEDAGÓGICO

de agressões sofridas por professores e alunos. O resultado dessa situação é um clima de insegurança que acomete a todos os atores do espaço escolar: professores, funcionários e alunos. O mais grave é que muitas vezes esse quadro de violência chega a se naturalizar, seja nos meios de comunicação como a televisão, seja em ambientes como a escola e as comunidades em geral, nas quais o fenômeno violência passa a ser visto como algo normal por diferentes grupos. Crianças e jovens são constantemente expostos na escola e na sala de aula a vários episódios de violência, o que certamente afeta a dinâmica da convivência escolar e da aprendizagem, chegando-se em alguns casos a se propor a monitoração por câmeras<sup>4</sup> pela polícia a fim de se garantir a segurança e integridade física dos indivíduos que atuam nas instituições escolares.

Este artigo é uma discussão ampliada dos resultados de uma pesquisa desenvolvida no curso de pós-graduação em Gestão e Coordenação Pedagógica, oferecido pelo DAEPE-UFPE no período 2010-2011, na qual abordamos o fenômeno da violência escolar do ponto de vista dos coordenadores pedagógicos das escolas públicas municipais. Admitindo que o profissional coordenador assume um papel importante na gestão do processo ensino-aprendizagem escolar, procuramos saber o que ele pensa e como atua frente à violência na escola pública municipal a fim de: (a) identificar suas concepções de violência escolar; (b) averiguar os principais atos de violência que este presencia na escola; (c) bem como caracterizar como vem se dando o seu trabalho, junto aos professores e à equipe gestora, para o enfrentamento do fenômeno da violência no contexto da escola.

---

<sup>3</sup> Chamamos atenção do problema através de algumas notícias de violência na escola veiculadas nos meios de comunicação que muitas vezes nos chocam como as veiculadas:

1ª) pelo JC *"On line"*: **Professor é agredido por aluno descontente com nota** - O professor de história [omitimos o nome], 28 anos, foi agredido com um soco no olho na tarde dessa quinta-feira (6), na escola estadual Poeta Manuel Bandeira, Ilha do Leite, Centro do Recife. Após ser informado pela diretora do colégio que seria reprovado em 4 disciplinas, o aluno [omitimos o nome], 24 anos, dirigiu-se à sala dos professores e atacou o professor. "A minha sorte é que ele não estava armado", disse o professor, que estava sentado de costas para a porta quando o agressor, aluno do 3º ano do Ensino Médio, entrou. "Eu estava preenchendo as cadernetas quando senti dois tapas nas minhas costas. Ao me virar só vi o soco vindo em minha direção", contou o professor. Publicado em 07.01.2011.

2ª) e pelo programa "Aconteceu" – da rede TV –, que relembra três episódios recentes de violência nas escolas. Destacamos dentre esses o caso mais grave, que aconteceu em Jaboatão dos Guararapes. Emerson Silva, de 12 anos, morreu ao comer biscoitos envenenados com "chumbinho", usado para matar ratos. As responsáveis pelo envenenamento foram duas colegas de Emerson, que estão cumprindo pena em abrigo para menores infratores. "A gente manda o filho para a escola pensando que ele está indo pra um lugar seguro e a escola devolve o seu filho morto", desabafou o pai do garoto, Mário Silva. 10 de novembro de 2011.

<sup>4</sup> A TV Jornal (em 08/09/2011) apresentou ao público a seguinte matéria: **"Escolas serão monitoradas por câmeras da SDS no combate à violência"** – Um projeto de lei é a nova arma no combate à violência nas escolas no Recife. Câmeras vão ser instaladas nas proximidades de escolas públicas e particulares com o objetivo de inibir as agressões a alunos e profissionais das instituições de ensino. O projeto "Proteção nas Escolas" foi lançado pelo governador Eduardo Campos.

## 2 OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO E AS DEMANDAS DO NOVO SÉCULO

A escola, vista como instituição educadora, vem sentindo os reflexos de uma geração que está crescendo influenciada por imagens de comportamentos que denotam caráter violento, agressivo, criminoso e instável no mundo atual. O fazer docente na contemporaneidade exige um olhar atento para as demandas da sociedade. Nesse sentido, constitui-se como de fundamental importância a efetivação de práticas alicerçadas em vivências cidadãs, do respeito às regras de convivência e da resolução pacífica dos conflitos.

Conforme Pigatto (2010), as escolas não devem ser pensadas como espaços introvertidos, presas no interior de si mesmas. Cabe à equipe de docentes e aos coordenadores estimular, na comunidade escolar, a sensibilidade, o discernimento e a convivência amistosa nesse ambiente. Nóvoa (2001) destaca, dentre outras funções do profissional da educação, a revisão constante de seu papel, ou seja, sua atualização permanente a fim de desenvolver práticas pedagógicas efetivas e promotoras de uma educação para a vida, as quais desenvolvam no educando o pensar e o agir éticos diante das diferentes situações que se apresentam em seu cotidiano. Entendemos que os profissionais coordenadores e professores, frente a situações de conflito e violência – que têm se tornado comuns nas escolas –, buscam meios para manter o equilíbrio, aprendendo a lidar com as novas demandas desse século XXI, dentre as quais está incluída a violência escolar, um fato preocupante porque envolve a vida e o comportamento moral e ético dos sujeitos. Nesse sentido, os ensinamentos de Freire (1996) a respeito da amorosidade entre educadores e educandos deixam claros que sólidas relações de afeto, respeito e amizade são essenciais para se conviver com os alunos dos novos tempos. Com diálogo e sinceridade é possível desencadear situações de ensino-aprendizagem significativas, que sejam mais próximas da realidade dos estudantes. Entretanto, dialogar não requer apenas o encontro de duas pessoas que conversam sobre determinado assunto sem haver um maior engajamento e um objetivo comum entre os que dialogam, nem é um momento em que as pessoas envolvidas apenas fazem comunicados umas as outras ao invés de se comunicarem. Antes disso, “[...] o diálogo é o encontro no qual a reflexão e a ação, inseparáveis daqueles que dialogam, orientam-se para o mundo que é preciso transformar e

humanizar, este diálogo não pode reduzir-se a depositar ideias em outro” (FREIRE, 1996 p. 83).

Smolka (2012) pondera que a velocidade das mudanças do mundo de hoje é quase sufocante e que é preciso descobrir como lidar com o acúmulo de conhecimento. Para ela, o professor do século XXI tem incorporado toda a produção intelectual dos séculos passados e seu desafio é se formar e transformar sua prática constantemente, levando em conta as produções culturais e históricas atuais. Como afirma, é preciso debater sobre qual é o papel do professor na relação de ensino: “É importante pensar em como fazer a formação de professores diante destas questões que estão colocadas” (p. 3).

Estamos inseridos em uma sociedade que sofre modificações constantes; o século XX nos deixou incertezas e fragmentações que atravessam o campo da educação e determinam o surgimento de diversos debates sobre o futuro. Preocupações de várias ordens como éticas, políticas e epistemológicas devem reger o trabalho dos professores. Dessa forma, faz-se urgente uma postura docente mais crítica a fim de que reflitam sobre que cidadão se quer formar e para qual sociedade (IBERNÓN, 2001).

Na mesma linha de argumentação dos dois últimos autores, Perrenoud (2000) afirma que mudanças sócio-históricas afetam todos os setores da sociedade, inclusive o educacional. Essas mudanças, irreversíveis, estão relacionadas ao desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, as quais instituem diferentes concepções de tempo e de espaço e possibilitam, portanto, ao professor desenvolver novas práticas pedagógicas. É necessário, então, que os professores do século XXI, em primeiro lugar, adquiram fluência tecnológica – através do uso de ferramentas digitais a serviço da reflexão – e que sejam profissionais capazes de atender às exigências do mundo globalizado. Segundo o referido autor, o educador deve ter a preocupação de reeducar-se de forma contínua, uma vez que a sociedade ainda traz, no seu tecido social, dificuldades para lidar com a diversidade, e já que as desigualdades sociais estão cada vez mais acirradas.

Devido ao agravamento das desigualdades, novas necessidades de consumo são cada vez mais estimuladas; comportamentos como individualismo estão cada vez mais fortes; isso faz com que a busca pela satisfação dos desejos leve adolescentes e jovens a não reconhecerem o outro, pois voltam-se apenas para si. No Brasil, um estudo do IPEA coordenado por Castro et al. (2009) mostra que, de um lado, estão jovens brancos, bem vestidos, detentores de um bom nível de escolaridade e empregados num trabalho de carteira

MACHADO, L. B.; CARVALHO, D. F.

assinada. De outro, situam-se jovens negros, maltrapilhos, analfabetos, que precisam trabalhar na informalidade para poder comprar comida. A desigualdade constitui, conforme o estudo desses autores, uma entre as principais causas da violência entre jovens no Brasil. “Ela [a desigualdade] é o grande contexto, o pano de fundo, onde se situa a população mais atingida por esse problema: as pessoas entre 15 e 24 anos” (CASTRO et al. (2009 p. 13).

A despeito do que colocam Castro et al (2009), cabe ponderar que Dubet (2004) contesta a associação direta entre violência e pobreza. Para o autor, essa é uma forma de estigmatização desses grupos, o que só tende a aumentar o preconceito de que a violência nasce das e nas periferias e se manifesta quase que exclusivamente de “baixo” para “cima”. A relação linear entre violência enquanto um fenômeno de ordem econômica, bem como a periculosidade dos jovens de periferia são objetos de crítica para Dubet. A violência não pode ser tomada apenas como fruto da desigualdade econômica, da pobreza.

A violência, como já afirmamos, está assolando as escolas. Assim, considerando que saber lidar com a violência é uma das demandas para os profissionais da educação na atualidade, este capítulo procura, além de identificar as concepções de violência escolar entre coordenadores, caracterizar suas ações junto aos professores e à equipe gestora para o enfrentamento desse fenômeno no interior da escola pública.

### **3 A PROBLEMÁTICA DA VIOLÊNCIA NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA**

Para estudarmos a problemática da violência na escola, fizemos uma investigação de artigos referentes a essa temática em alguns periódicos científicos da área educacional. Para a busca desse material, utilizamos os descritores: *violência escolar* ou *violência na escola*. Os artigos selecionados são provenientes de vários periódicos brasileiros, de diferentes regiões. Nos limites desse capítulo, para discutir o tema, privilegiamos artigos publicados nos anos 2000. Nesse sentido, a análise desses artigos foi feita a fim de apresentarmos recentes contribuições para abordar violência escolar do ponto de vista dos coordenadores pedagógicos de escolas públicas.

A violência na escola, conforme Charlot (2002), não é mais um fenômeno novo no meio social. Ao tratar o tema no contexto da sociedade francesa, o autor considera que o fenômeno da violência tem se agravado desde os anos 1950-1960, ao transformar o meio escolar num espaço de angústia social; a cada dia a violência abrange crianças da educação

## VIOLÊNCIA ESCOLAR: CONCEPÇÕES E AÇÕES DO COORDENADOR PEDAGÓGICO

infantil, o que faz com que a escola não se constitua mais como um ambiente protegido, e sim como um espaço onde pode ocorrer agressões diversas. O autor ainda salienta que, além de atingirem os alunos – que ficam amedrontados tanto com a violência vivenciada no âmbito escolar quanto com a que sofrem nos seus locais de moradia –, esse fenômeno já passou a abranger os docentes e o pessoal administrativo da escola, realidade essa que já pode ser vista no Brasil, como evidenciado na introdução deste capítulo.

Charlot (2002) classifica a violência escolar em três tipos: a violência na escola; a violência à escola; e a violência da escola. A primeira se refere àquela produzida no interior do espaço escolar. A segunda trata da violência voltada contra a instituição, isto é, a violência vinda de fora (do espaço social) para o interior da escola. Esse tipo, segundo o autor, é trazido pelos próprios alunos identificado muitas vezes como “acerto de contas” frente a conflitos estabelecidos entre indivíduos e grupos nos seus espaços de pertença social. O terceiro tipo de violência, nessa perspectiva, pode ser de natureza institucional ou simbólica e diz respeito ao tratamento que os alunos recebem da instituição e seus agentes. Ela é expressão da própria cultura escolar, também assusta e provoca mal estar. O autor, para mostrar como é abordada a violência entre os sociólogos, baseou-se em enquetes feitas com as vítimas das escolas de uma determinada região francesa. Os resultados apontaram que naquela região a violência está relacionada à falta de respeito entre alunos e professores.

Em 2001, Sposito apresentou um estudo documental sobre a produção científica brasileira a respeito da violência escolar. O estudo sobre o tema mostra que a violência, na sua face mais abrangente, aparece na literatura científica brasileira desde os anos 1980, período de redemocratização do país. Conforme a autora, a produção, diversificação e disseminação da violência ocorrida nesse período aliam-se à discussão de aspectos como melhoria da qualidade de vida da população das periferias dos grandes centros urbanos e à democratização das políticas sociais. Para Sposito (2001), os primeiros diagnósticos sobre violência nas escolas brasileiras demonstraram como principais efeitos depredações, furtos e invasões às instituições escolares. Além disso, a investigação revelou que esses atos eram praticados por pessoas que não tinham vínculo formal com as escolas e ocorriam principalmente em períodos em que a escola não estava em atividade.

Em artigo denominado “Violência nas escolas: a crise da autoridade”, Fontes (2010) aborda a violência como um fenômeno já banalizado que apresenta várias modalidades ou faces. Segundo a autora, a cada década, a violência nas escolas vem se intensificando. Sua

MACHADO, L. B.; CARVALHO, D. F.

pesquisa, desenvolvida na cidade de Juiz de Fora-MG, junto a pais e professores de escolas públicas, aponta que, devido à falta de respeito dos alunos das escolas investigadas, esses grupos mostraram-se impotentes para manter um diálogo com esses jovens e adolescentes Afirma Fontes (2010).

Os pais não ensinam mais aos filhos como eles devem se comportar na escola, os educadores não sabem o que é limite e os professores não têm “moral”, ficam “bobos” diante dos alunos. Aquele que educa pode, diante do real, reconhecer que há aí um impossível, e atravessá-lo, fazer alguma coisa, inventar. Ou pode deter-se com o sentimento de que nada há a fazer, instalando-se a impotência, a queixa e lamento (FONTES, 2010 p. 84)

Frente às limitações encontradas, pais e professores só fazem lamentar a falta de respeito dos grupos de jovens e adolescentes da sociedade atual. A autora relaciona o fenômeno da violência escolar a uma crise de autoridade assumida por pais e familiares dos alunos jovens e adolescentes (FONTES, 2010).

Macedo e Bomfim (2009) constataam que esse fenômeno abrange todas as classes sociais, independente de cor, raça e condição econômica. As autoras ressaltam que a violência nunca foi um acontecimento novo no meio social; e que a juventude é geralmente vista como principal culpada da violência nas escolas, quando, na verdade, é ora vítima, ora agente ativo desse fenômeno. A partir de entrevistas, nas quais as autoras ouviram alunos, professores e pais para deles saber como estes veem a violência no interior das escolas. As autoras constataram que a violência abrange aspectos de natureza física e simbólica. Nos relatos recolhidos entre os professores, elas observaram que os docentes vivem com medo dos próprios alunos, devido ao que ouvem e observam no cotidiano de sua prática em sala de aula.

Em pesquisa sobre a gestão da violência escolar, Leme (2006) discute diferentes formas de violência que desafiam a equipe gestora da escola que investigou. A autora enfatiza, em seu trabalho, incidentes sofridos pelos alunos, entretanto detém-se mais a investigar o papel do gestor e suas implicações junto aos docentes diante desse fenômeno. A autora aponta que em escolas públicas a violência ocorria, sobretudo, através de agressões físicas, furto e ameaças. A gestão da escola pública, como ainda não dispunha de subsídios suficientes para combater a violência, promoveu a formação continuada de seus docentes voltada para o cultivo de valores humanos e para a aproximação da família com o meio escolar.

## VIOLÊNCIA ESCOLAR: CONCEPÇÕES E AÇÕES DO COORDENADOR PEDAGÓGICO

Gonçalves et al. (2005) abordam as possibilidades e limites de uma experiência de formação continuada de professores do ensino fundamental que lidam com adolescentes de periferia, no intuito de minimizar a violência nas instituições escolares. Trata-se de uma pesquisa de cunho colaborativo que procurou estimular os professores a promoverem uma interação social construtiva no interior da escola. O trabalho foi realizado a partir de uma pesquisa ampla, em que foram entrevistados vários professores para identificar as ações docentes frente à violência na escola a fim de analisar o desenvolvimento dessas ações e experiências referentes ao tema abordado. Os resultados apontaram o papel do professor como mediador, como figura capaz de favorecer um ambiente socialmente aceitável e de garantir a dignidade do ser humano. Ainda assim, as autoras defendem que esses resultados não dispensam a necessidade de se investir na formação continuada dos docentes para o enfrentamento da problemática na escola.

O estudo bibliográfico da produção sobre violência escolar nos fez compreender que esse fenômeno não é novo; apresenta-se em diferentes facetas; e não é, como assinala Dubet (2004), peculiaridade da pobreza. Macedo e Bomfim (2009) reiteram, como vimos, que o fenômeno abrange todas as classes sociais independente de cor ou raça. Constatamos também que no Brasil os estudos sobre a violência escolar despontaram a partir dos anos 1980 e que o fenômeno tem como efeitos atos de vandalismo e depredação dos prédios escolares. Podemos ainda dizer que a violência escolar aparece na literatura científica como algo complexo, entranhado de aspectos de natureza concreta e simbólica vinculados a crise de valores e de autoridade, e que esse quadro é, de certa maneira, visto de forma banalizada no espaço social. A problemática é frequente nos espaços escolares e gestores mostram-se impotentes para lidar com o fenômeno.

Admitimos, portanto, que a violência não se limita a fatores econômicos, mas constitui um fenômeno complexo que perpassa várias esferas que dizem respeito à condição humana. Refletir sobre o fenômeno implica em reconhecer essa complexidade. Dada a gravidade do problema e a impotência dos profissionais da educação frente a ele, nos pareceu razoável admitir que o trabalho colaborativo de formação continuada, proposto por Gonçalves et al., pode ser indicado como uma alternativa para minimizar a violência na escola.

Ademais, o estudo bibliográfico nos deu uma compreensão mais adensada do fenômeno da violência escolar, abrindo perspectivas para o trabalho de campo que descreveremos a seguir.



## 4 METODOLOGIA

Adotamos a abordagem qualitativa de pesquisa, uma vez que centramos nossa preocupação em entender o que pensa e como age o coordenador pedagógico frente ao fenômeno da violência escolar. Lançamos mão da abordagem qualitativa porque ela valoriza conhecimentos e experiências vivenciadas pelos sujeitos. Segundo Minayo et al. (1994), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização ou manipulação de variáveis. Para a realização da pesquisa da qual decorre este artigo, investigamos escolas públicas municipais de Recife-PE. Como instrumento de coleta de dados, utilizamos questionários, que foram aplicados às coordenadoras das escolas.

De acordo com Lakatos (1996), o questionário pode ser definido como um instrumento de investigação composto por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas que o responderão, e tem por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas e de situações vivenciadas destes. Para compor esse instrumento utilizado na investigação, contemplamos duas questões fechadas que buscaram traçar o perfil dos participantes, e quatro questões abertas para colher suas posições sobre o objeto dessa investigação. Para a aplicação do questionário, fizemos um contato direto com as coordenadoras das escolas que se dispuseram a respondê-lo. Ressaltamos, no entanto, que a maioria não o respondeu em nossa presença. Deixávamos os questionários com elas e, em torno de dois dias depois, voltávamos para recolhê-los. Houve receptividade por parte dessas profissionais, que consideraram inusitada nossa intenção de estudar tão agudo problema escolar. Ao longo do desenvolvimento da coleta de dados nas escolas pesquisadas, fomos recebidas de forma cortês pelas coordenadoras e pelos demais profissionais atuantes nessas instituições.

### 4.1 Resultados e discussão

Conforme abaixo apresentamos, no Quadro 1, participaram do estudo que deu origem a este artigo dez (10) coordenadoras pedagógicas que atuam em escolas públicas municipais. Todas são do sexo feminino. Como podemos observar no referido quadro, metade

VIOLÊNCIA ESCOLAR: CONCEPÇÕES E AÇÕES DO COORDENADOR PEDAGÓGICO

das coordenadoras é iniciante na função, quatro delas já exercem a atividade há cinco anos ou mais, e uma coordenadora (Cristiana) possui 30 anos de exercício nessa função. Todas ingressaram através de concurso para assumirem a função docente e posteriormente, mediante seleção interna do sistema, passaram a assumir a coordenação pedagógica. As coordenadoras trabalhavam em escolas de diferentes áreas geográficas da cidade. Todas elas eram graduadas em Pedagogia e haviam concluído o curso de pós-graduação *lato sensu*. Como está exposto na última coluna do Quadro 1, Cátia, Cássia, Cristina, Clotilde e Carmem estão na faixa dos 35 a 40 anos de idade; Carolina, Carina e Cleide encontram-se na faixa dos 45 a 50 anos; Cacilda está na faixa entre 30 a 35 anos; e Cristiana tem entre 50 a 55 anos de idade. Todas as coordenadoras, exceto Carina, exercem a função junto a turmas e professores dos anos iniciais do ensino fundamental. A professora Carina trabalha nos anos finais desse nível de ensino.

**Quadro 1 – Caracterização do grupo de coordenadoras que participaram da pesquisa**

Nome da Participante <sup>5</sup>	Tempo na função de coord.	Nível em que atua	Formação inicial	Pós-grad.	Faixa de Idade
CAROLINA	1 ano e 10 meses	Anos iniciais do Ens. fundamental	Pedagogia	Sim	45-50
CÁTIA	8 anos	Anos iniciais do Ens. fundamental	Pedagogia	Sim	35-40
CÁSSIA	3 anos	Anos iniciais do Ens. fundamental	Pedagogia	Sim	35-40
CLOTILDE	2 anos	Anos iniciais do Ens. fundamental	Pedagogia	Sim	50-55
CARINA	6 anos	Anos finais do Ens. fundamental	Pedagogia	Sim	45-50
CRISTINA	5 anos	Anos iniciais do Ens. fundamental	Pedagogia	Sim	35-40
CRISTIANA	2 anos	Anos iniciais do Ens. fundamental	Pedagogia	Sim	50-55
CARMEM	2 anos	Anos iniciais do Ens. fundamental	Pedagogia	Sim	35-40
CACILDA	3 anos	Anos iniciais do Ens. fundamental	Pedagogia	Sim	30-35
CLEIDE	30 anos	Anos iniciais do Ens. fundamental	Pedagogia	Sim	45-50

<sup>5</sup> Para preservar a identidade das coordenadoras, atribuímos a elas nomes fictícios, todos com letra inicial “C”.

MACHADO, L. B.; CARVALHO, D. F.

Quanto à análise dos dados, procuramos compreender o papel e a função exercidos pela coordenação pedagógica frente à violência nas escolas municipais da cidade do Recife-PE. Para sintetizar os resultados dos questionários, organizamos as respostas das questões abertas em categorias apresentadas no Quadro 2, a seguir.

**Quadro 2 – Categorias relacionadas às concepções e ações da coordenação pedagógica frente à violência nas escolas municipais do Recife-PE**

<b>Categorias</b>
Concepções de violência na escola
Atos de violência mais comuns praticados na escola pública
Atitudes tomadas na escola para lidar e/ou combater a violência escolar

#### 4.2 Concepções de violência na escola

Quando questionadas sobre a violência escolar, as coordenadoras foram claras ao afirmarem que a violência é um ato agressivo por parte dos sujeitos que pode se manifestar, no espaço escolar, de várias formas: verbal, física e moral. Registraram as participantes:

*É qualquer agressão física ou verbal a qualquer nível da comunidade escolar<sup>6</sup> (Carmem).<sup>7</sup>*

*É todo tipo de violência que ocorra dentro do ambiente escolar ou que envolva seus sujeitos (Cacilda).*

Uma das coordenadoras destacou que a violência é um fenômeno comum vivenciado na escola. Afirmou Cleide sobre a violência escolar: “aquela que vimos todos os dias, os alunos se agredindo verbalmente e fisicamente”. A desestruturação familiar e, principalmente, a crise de valores morais vivida pela sociedade atual são apontadas pelas coordenadoras como responsáveis por favorecer condutas violentas. Eis o que elas registraram:

<sup>6</sup> Os recortes dos registros apresentados nesse texto foram transcritos do modo como foram escritos pelas coordenadoras.

<sup>7</sup> Utilizaremos para transcrições de dados fonte Comic Sans MS, corpo 11 e itálico (Nota dos Editores).

*Violência é a falta de conhecimentos de atitude de referência a valores morais (Cássia).*

*Violência escolar é a consequência da falta de estrutura familiar de onde vem... Seus pais se agredindo e em constante discussão, logo gera a desmotivação e atribuem à indisciplina (Carina).*

*[...] é falta de respeito e amor ao próximo; a não orientação dos pais. Contribui para que as crianças se sintam no direito de maltratar seus colegas e até professores (Cristiana).*

A violência escolar, para as coordenadoras, se expressa através de infrações que atrapalham o andamento das atividades cotidianas da escola, como agressão física e moral, indisciplina, e falta de respeito para com colegas, professores e outros envolvidos no trabalho escolar. São essas perturbações as mais problemáticas para a comunidade escolar que as vivencia cotidianamente, caracterizadas pelas coordenadoras como violência escolar.

Do conjunto geral das respostas dadas pelas coordenadoras a esse questionamento, o que pudemos depreender foi certa dificuldade para definir o fenômeno da violência na escola, algo já apontado por Fontes (2010). As colocações das coordenadoras encontram eco no que é apontado por essa autora como sendo as causas para a violência na escola: desestrutura familiar e dificuldades dos pais de impor limites aos seus filhos. O modo como as coordenadoras definem a violência escolar se assemelha ao constatado por Leme (2006), que realizou uma pesquisa com gestores escolares. Conforme enfatiza Leme, a violência manifesta-se na falta de respeito para com o outro na insatisfação para com o que está instituído e está associada a agressões físicas e morais no espaço escolar.

#### **4.3 Atos de violência mais comuns praticados na escola pública**

A maioria das coordenadoras respondeu que a violência acontece de forma verbal e física. Cássia ressaltou a indiferença dos professores quanto aos alunos e suas respectivas famílias. Segundo ela, por saberem que o aluno não recebeu a educação devida, eles têm receio de tentar colocar limites ou procurar construir relações mais respeitadas. Dessa maneira, devido aos alunos chegarem à escola com poucos limites em sua educação doméstica, o docente não sente a necessidade de ensinar-lhes nem mesmo pequenos gestos de respeito, o que acaba por contribuir e fortalecer os atos denominados de violentos no ambiente escolar. Afirmou a coordenadora Cássia:

MACHADO, L. B.; CARVALHO, D. F.

*O que vejo são professores desanimados em tentar mudar essas relações que corroem as relações do aluno com os seus colegas de classe e escola e professores. Muitas vezes dizem: "se a família não muda eles, quem sou eu para querer modificar?" Posso até ser ameaçada se quiser mudar alguma coisa (Cássia).*

As coordenadoras revelaram, em suas respostas, estarem de mãos atadas, impossibilitadas de agirem em relação às situações mais comuns que consideraram violentas, como as brigas e os xingamentos entre os estudantes. Foi relatado por uma delas que um aluno começou a agredir o outro verbalmente e essa discussão terminou em agressão física; ao tentar separar os dois alunos, a coordenadora acabou sendo machucada pelos chutes de ambos. Essa coordenadora revelou sentir-se impotente, pois mandou chamar a família dessas crianças, mas não obteve resposta ao chamado. Cacilda afirmou que diariamente acontecem vários casos de agressão na escola, uns mais graves outros contornáveis, mas todos terminam da mesma forma: sem perspectivas de mudar a situação.

*Confesso que às vezes tem cada coisa que me deixa arrepiada e sem nenhuma força para conseguir mudar o quadro tão comum que presenciamos até entre crianças pequenas... É difícil! As palavras de baixo calão que falam já são naturais. Eles falam uma mesma língua, nós não sabemos lidar com certos absurdos que a profissão nos coloca (Cacilda).*

O depoimento de Cacilda vem reforçar o que mencionamos antes, a impotência e, muitas vezes, o despreparo dos profissionais para lidar com o problema a fim de revertê-lo. Nesse sentido, podemos indicar que um estilo de gestão escolar compartilhada que priorize o uso dos recursos e do tempo para a aprendizagem e que procure estabelecer um clima de confiança entre estudantes e professores, através de regras claras e coletivas sobre os direitos e as responsabilidades dos alunos, poderia constituir-se como uma alternativa tanto para melhor lidar com essas agressões quanto para prevenir a violência na escola. A esse respeito entendemos que a formação continuada seria um caminho propício para minimizar a impotência dos profissionais coordenadores e professores diante do fenômeno da violência no interior do espaço escolar.

Na literatura pesquisada, situamos algumas ações sugeridas para vencer esse problema. Gonçalves et al. (2005), por exemplo, indicam a dramatização, a discussão em torno de dilemas e a dinâmica de grupo. Essas autoras ressaltam na escola, a importância do trabalho coletivo, envolvimento da comunidade, associações para que, de forma democrática e participativa, todos se sintam corresponsáveis na busca de soluções para o problema da violência.

VIOLÊNCIA ESCOLAR: CONCEPÇÕES E AÇÕES DO COORDENADOR PEDAGÓGICO

As respostas das coordenadoras para o questionamento “Quais tem sido os casos mais comuns de violência na escola em que você atua?” destacaram como principal elemento gerador desse fenômeno, a falta de integração entre família e escola. Para as coordenadoras, as famílias estão cada vez mais ausentes do seu papel de orientadoras dos filhos. Cátia afirmou:

*A desestrutura da família atual e a interferência do governo civil e poderes públicos nas famílias através de programas que vêm cada vez mais assumindo as responsabilidades dos pais e responsáveis no que diz respeito aos filhos.*

A coordenadora Clotilde ressaltou que os atos de violência praticados na escola resultam da desigualdade social, da falta de possibilidades econômicas e de oportunidades, além da carência e ausência da participação familiar. Carolina comentou que o problema da violência tem várias causas, no entanto o fator que pesou em suas colocações foi a interação da família com a escola. Assim como suas colegas, admitiu que a família não acompanha a aprendizagem dos filhos e pouco se preocupa em educá-los. A coordenadora Carina destacou a falta de diálogo entre os familiares e suas implicações para o comportamento violento dos alunos na escola. Afirmou ela:

*Não há mais tempo para pais e filhos conversarem, as pessoas querem ganhar as coisas no grito, não há respeito. Para mim, falta o diálogo, que é base de tudo... Quando não se consegue algo, toma, briga, xinga, bate... É isto que vemos todo dia na escola, até entre os pequenos (Carina).*

Na mesma linha do que foi afirmado pelas anteriores, as coordenadoras Cássia, Carmem e Cacilda reiteraram a falta de interação entre família e escola e ressaltaram que a falta de procedimentos morais, não mais transmitidos aos filhos pelas famílias, provoca desrespeito e violência. Afirmaram elas:

*Tá muito difícil educar hoje em dia. Tudo fica para a escola e professores. Pai e mãe pouco aparecem na escola, mesmo quando a gente chama. Aqueles que causam mais problemas são os mais ausentes da escola (Carmem).*

*A família sempre foi e será a base da formação, se ela está desestruturada acarreta vários problemas (Cacilda).*

O que podemos depreender é que há um consenso entre a maioria das coordenadoras a respeito da associação entre desestruturação familiar e violência escolar. Nos registros, fica evidenciada essa relação e suas implicações. Não parece haver saída, portanto, para um problema que, segundo elas, nasce e evolui fora da escola. Esse resultado já foi identificado por Loureiro et al. (2005), que constataram o elemento "família desestruturada" como razão para a violência tanto na escola pública quanto na particular. Segundo esses autores, as

MACHADO, L. B.; CARVALHO, D. F.

famílias não têm tempo para dialogar com os filhos devido ao volume de trabalho que assumem. Não é à toa que a ausência do pai e da mãe no dia a dia do filho foi tomada pelas coordenadoras pedagógicas como um dos provocadores do problema.

Em estudo sobre o assunto, Silva (2010) também confirma que, na escola, às vezes, prevalece o discurso de que o aluno é violento, porque possui uma família desestruturada. Para essa autora, é considerada desestruturada a família que não se enquadra no modelo tradicional formado por pai, mãe e filhos, e é encarada como a causadora de alguns males que assolam a escola, entre estes, a violência.

As coordenadoras Clotilde e Cristina abordaram a violência relacionando-a à desigualdade social. Segundo elas, a falta de oportunidades e as necessidades básicas não supridas levam jovens e adolescentes a buscarem outras formas e meios inadequados para satisfazerem seus desejos e aspirações, o que gera e provoca a violência. Afirmou uma das participantes:

*Como os alunos são muito pobres e querem as coisas que não podem ter, eles veem os outros com tudo e vão correr atrás através do grito e desrespeito aos outros. Eles não conseguem entender a desigualdade e se revoltam... (Cristina).*

Mesmo admitindo que a violência tenha seus contornos e singularidades, Abramovay (2006) pondera a respeito de sua abrangência. Segundo ela, o fenômeno atinge todas as classes sociais, os gêneros e as gerações. Ele perpassa diferenças geográficas, étnicas, políticas, e instala-se em todas as localidades situações violentas, experimentadas de modo diferente pelas pessoas. A mesma autora destaca que “quanto mais aumentam as desigualdades, frustrações quanto a expectativas não realizadas e exclusões do direito do outro, maior a probabilidade de haver livre curso para uma cultura de violência” (Abramovay 2006 p.18). Esse seu posicionamento se coaduna com o que é dito pelas duas coordenadoras que acima citamos.

#### **4.4 Atitudes tomadas na escola para lidar e/ou combater a violência escolar**

Sobre essas atitudes, as coordenadoras Carolina, Carmem e Cátia responderam que, para lidarem com a violência e combater esse fenômeno, tomam algumas medidas, a saber: conversam com os próprios alunos; aconselham-nos; dialogam com a família destes quando é possível; e, quando não conseguem chegar até o grupo familiar, lançam mão do Conselho Tutelar. Essas coordenadoras ressaltaram como estratégia mais frequente para reverter o

## VIOLÊNCIA ESCOLAR: CONCEPÇÕES E AÇÕES DO COORDENADOR PEDAGÓGICO

quadro de violência, o diálogo com os alunos (tanto com os que sofrem violência como com os que cometem atos violentos). Eis o que registraram sobre o assunto:

*As atitudes mais comuns são conversar com os alunos, mandar chamar os pais ou responsáveis para sabermos se algo aconteceu que tenha mudado a rotina desses estudantes para podermos entender alguns comportamentos agressivos. Também fazemos uso de uma parceria com o Conselho Tutelar para nos ajudar nos casos mais complicados (Carolina).*

*Infelizmente a escola hoje tem poucas alternativas: chamar a família (pais/responsáveis) não resolve mais, conversar e aconselhar os alunos também tem surtido pouquíssimo efeito. Ultimamente estamos buscando ajuda externa como: conselho tutelar, psicólogos, psiquiatras, outras secretarias que tem surgido nos municípios para tratar esses assuntos (Cátia).*

*Minha maior saída é conversar com eles na sala, pedir, aconselhar, dar exemplos de pequenas brigas e intrigas que levaram à morte e importância do trato ao outro (Carmem).*

As coordenadoras Cássia e Clotilde responderam que, para evitar os atos de violência que acontecem na escola, elas tomam algumas providências, a saber: convocam palestras; desenvolvem campanhas de orientação à solidariedade; e solicitam à direção da escola jogos educativos. Elas acreditam que, utilizando-se desses recursos, os alunos irão controlar mais seus impulsos agressivos. Em particular, Clotilde referiu-se a um projeto que envolve toda comunidade, chamado “Paz nas Escolas”, que integra o projeto político pedagógico da escola em que trabalha. Segundo ela, o projeto promove atividades como reuniões com os pais, trabalhos em sala de aula com os professores e alunos, exibição de filmes baseados no assunto, entre outras ações. Clotilde admite que esta tem sido uma proposta interessante, pois conta com boa aceitação por parte de pais e alunos.

As coordenadoras Carolina, Cássia e Cristiana destacam suas dificuldades para aconselhar os estudantes e para dialogar com eles; seus registros remetem frequentemente à impotência frente à falta de apoio e de colaboração dos pais nessa tarefa. Como não conseguem êxito nas conversas, acabam por recorrer ao Conselho Tutelar.

Por outro lado, Cleide e Cristiana afirmaram conseguir enfrentar o problema ao envolver os alunos em jogos educativos, palestras e campanhas. De modo semelhante ao afirmado por Clotilde, ressaltam vir logrando resultados positivos no trabalho que fazem. Contudo, elas reforçam a necessidade de a escola envolver toda a comunidade num projeto mais robusto, capaz de enfrentar de forma efetiva o problema e de atingir melhores resultados.



MACHADO, L. B.; CARVALHO, D. F.

Segundo Gonçalves et al. (2005), a ação educativa que visa à formação para cidadania e que procura favorecer a emergência da interação social construtiva deve estar integrada ao cotidiano escolar, de tal forma que gestão, coordenação, docentes e demais atores sejam capazes de aproveitar os múltiplos momentos de conflito que surgem na escola para contribuir e estimular a construção de valores morais mais sólidos e a formação cidadã.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos principais objetivos desse capítulo foi o de caracterizar o que pensa e como se dá o trabalho do coordenador frente ao fenômeno da violência na escola pública. O estudo revelou que, para os coordenadores, a violência se caracteriza como de ordem física, moral e verbal. Sabemos que o coordenador pedagógico tem como uma de suas funções auxiliar o professor no processo de ensino-aprendizagem na escola, e sabemos, também, que as diversas situações de violência vivenciadas no dia a dia da escola interferem nesse processo. Conforme as profissionais ouvidas na pesquisa, a violência compromete as relações na escola e a integridade dos alunos. Ela é decorrente da ausência da família tanto no que diz respeito às questões propriamente domésticas quanto no que se refere às questões escolares dos alunos; dessa forma, as coordenadoras se disseram impotentes para lidar com algumas situações, pois não têm contado com o apoio familiar. A família, segundo elas, poderia ser uma parceira na educação da criança ou adolescente que sofre, sofreu ou comete atitudes violentas. No entanto, mesmo reconhecendo as dificuldades provenientes da ausência das famílias, algumas demonstraram estar em busca de alternativas que melhor ajudem a lidar com o problema.

Na esteira dos resultados aqui apresentados, reiteramos o papel da escola como um campo vasto e diversificado, marcado por uma série de dificuldades ancoradas nas precárias condições educacionais, sendo os alunos apenas atores a mais nesse complexo sistema, não “os culpados”. Contudo, em acordo com Abramovay (2006), admitimos que a instituição escolar ainda pode ser o lugar para se cultivar relações menos hostis, um espaço de construção de amizade e solidariedade.

Nesse sentido, consideramos, a partir das práticas descritas pelas coordenadoras (possíveis graças à iniciativa conjunta dos atores escolares), que é possível contribuir para tornar a escola um ambiente protetor através da sensibilização das famílias e da comunidade escolar em relação ao problema da violência. Essas práticas, portanto, devem ser feitas a fim

VIOÊNCIA ESCOLAR: CONCEPÇÕES E AÇÕES DO COORDENADOR PEDAGÓGICO

de garantir a participação de todos os agentes sociais nas escolas, de procurar desenvolver o sentido de pertencimento à escola, além de buscar valorizar os estudantes, através do respeito à sua autonomia e liberdade. Para tal, a pesquisa colaborativa, entre as universidades e escolas, a exemplo do que foi proposto por Fontes (2010) pode ser reafirmada como alternativa viável a fim de que esses profissionais saibam melhor enfrentar o problema da violência no espaço escolar.

---

**SCHOOL VIOLENCE: CONCEPTS AND ACTIONS OF EDUCATIONAL  
COORDINATOR**

**Abstract**

This article identifies the concepts of violence among school coordinators and characterized their actions to confront the phenomenon within the school. We apply questionnaires to ten pedagogical coordinators of schools in Recife-PE. The responses revealed that, for them, violence is characterized as physical, moral, verbal, committed relationships and integrity of students it is due to the absence of family both in regard to domestic issues and school, hence, the coordinators said they were powerless to deal with some situations, because they have relied on family support. The results reaffirm the role of the school as a diverse field, with students only actors in this complex system, not "to blame". We believe, from the practices described, which can make school a protective environment by sensitizing the families and the school community about the problem of violence.

**Keywords:** School Violence, Pedagogical Coordinator, Ideas, Actions

---

**VIOENCIA ESCOLAR: CONCEPTOS Y MEDIDAS DEL COORDINADOR  
EDUCATIVO**

**Resumen**

Este artículo identifica los conceptos de violencia entre los coordinadores de las escuelas y caracterizado sus acciones para enfrentar el fenómeno dentro de la escuela. Aplicamos

MACHADO, L. B.; CARVALHO, D. F.

cuestionarios a diez coordinadores pedagógicos de las escuelas en Recife-PE. Las respuestas revelaron que, para ellos, la violencia se caracteriza por ser físicos, morales, relaciones verbales y comprometidos y la integridad de los estudiantes. Ella se debe a la ausencia de la familia, tanto en lo que respecta a los asuntos internos y la escuela, por lo tanto, los coordinadores dijeron que eran incapaces de hacer frente a algunas situaciones, debido a que han contado con el apoyo de la familia. Los resultados reafirman el papel de la escuela como un campo diverso, con actores sólo estudiantes de este complejo sistema, y no "culpar". Creemos que, a partir de las prácticas descritas, que pueden hacer la escuela un entorno de protección mediante la sensibilización de las familias y la comunidad escolar sobre el problema de la violencia.

**Palabras clave:** Violencia Escolar, El Coordinador Pedagógico, Ideas, Acciones

---

#### REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. **A Violência e as cidades:** os jovens e o tráfico de drogas – Belo Horizonte. Trabalho apresentado no XV ENCONTRO REGIONAL DA ABRAPSO, Belo Horizonte-MG, 2006.

CASTRO, Jorge Abrahão de; AQUINO, Luseni Maria de; e ANDRADE, Carla Coelho de. (Orgs.). **Juventude e políticas sociais no Brasil.** Brasília: IPEA, 2009. 303 p.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 4, n. 8, jul/dez, 2002.

DUBET, Françoise. O que é uma escola justa? **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 123, 2004.

FONTES, Ana Maria Moraes. Violência nas escolas: a crise da autoridade. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 15, n. 1, mar /ago, 2010, p. 77-85.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin; PIOVESAN, Orene Maria; LINK, Andrisa; PRESTES, Lusiana e LISBOA, Joiciana G. Violência na escola, práticas educativas e formação do professor. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 126, set./dez. 2005.

IBERNÓN, Francisco (org.). **A Educação do século XXI:** Os desafios do futuro imediato. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2001.

LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996.

LEME, Maria Isabel. **Convivência, conflitos e educação nas escolas de São Paulo**. São Paulo: ISME, 2006.

LOUREIRO, Ana Carla Amorim Moura; QUEIRÓZ, Sávio Silveira de. A concepção de violência segundo atores do cotidiano de uma escola particular – uma análise psicológica. **Psicologia Ciência e Profissão**. Brasília, v. 25, n. 4, 2005.

MACEDO, Rosa Maria de Almeida e BOMFIM, Maria do Carmo Alves. Violências na escola. **Rev. Diálogo Educacional**. Curitiba, v. 9, n. 28, p. 467-480, set./dez. 2009.

MINAYO, Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Ferreira Suely; NETO, Otávio Cruz; e GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1994.

NÓVOA, Antonio. Professor se forma na escola. **Nova escola**, n. 142, maio, 2001.

PERRENOUD, Philippe. **Novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.

PIGATTO, Naime. A docência e a violências na escola no contexto estudantil atual. **Ensaio: avaliação e políticas públicas de Educação**. Rio de Janeiro, v. 18, n. 67, abr/jun. 2010. p. 257-264.

SILVA, Maria Odira. **Violência na Escola: com a palavra a família**. Trabalho apresentado no X ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA ANPED CENTRO OESTE. Uberlândia, v. 10. 2010. p. 01-10.

SPOSITO, Marília Pinto. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, n. 1, p. 01-16, jan/jun. 2001.

SMOLKA, Ana Luiza. Depoimento para Jornal e Educação. **Os desafios de ser professor no século XXI**. 2012. Disponível em: <<http://www.multirio.rj.gov.br/>>. Acesso em: 21. Mar de 2012.

Data de recebimento. 22/11/2012

Data de aceite. 12/02/2013